

A crise gera novas apreensões

O clima político de ontem no Congresso era de apreensão com o futuro das instituições democráticas, em virtude do impasse criado nas relações do Executivo com o Judiciário e o Legislativo. Um dos líderes governistas adverte que a crise terá de ser resolvida hoje de qualquer maneira, sob pena de assumir proporções ainda maiores. Um dos líderes políticos governistas acha mesmo que toda essa crise não passou de uma sucessão de equívocos e mal-entendidos, que poderia, desde a primeira hora, ter sido equacionada amigavelmente num encontro entre os presidentes dos poderes da República.

É uma crise num copo d'água, gerada no seu nascedouro, de acordo com uma das lideranças governamentais, pelo general Romildo Canhim, ministro da Administração. Segundo se alega, o ministro da Administração passou a ser um dos defenso-

res da equiparação dos subsídios dos parlamentares aos vencimentos dos ministros do Supremo. Na ocasião um influente parlamentar governista telefonou ao ministro Fernando Henrique Cardoso e, brincando, disse-lhe que o general Canhim podia entender de tropa, mas de Congresso quem entendia era ele. O melhor que o general tinha a fazer era sair do assunto.

Foi a partir daí que o ministro da Administração fez um recuo estratégico, entre outras coisas porque toda a área econômica considerava sua proposta como inconveniente e imprópria aos objetivos políticos do Governo, dado o efeito em cascata que teria sobre todo o funcionalismo público.

A intenção das principais lideranças políticas é a de tentar encontrar nas próximas horas uma saída honrosa para todos os personagens diretamente envolvidos na crise.